

Gerúndio *versus* Infinitivo Gerundivo: Brasil e Portugal em contraste nos séculos XIX e XX

Núbia Graciella Mendes Mothé¹

¹Faculdade de Letras – Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)
nubiamothe@gmail.com

Abstract. *This paper investigates, diachronically, the variation between two forms used to indicate progressive aspect in Portuguese, that is, gerund and gerundial infinitive. Based on the Sociolinguistic principles proposed by Labov, that are applied here to a Historical Sociolinguistic research, we will try to get to constrains that led to the increase of gerundial infinitive in European Portuguese.*

Keywords. *Historical Sociolinguistics; diacrony; gerund; “gerundial infinitive”.*

Resumo. *Este trabalho investiga, diacronicamente, a variação entre as formas nominais que indicam aspecto contínuo em Língua Portuguesa, ou seja, o gerúndio e a forma infinitiva em equivalência funcional. Com base nos pressupostos teóricos da Sociolinguística de base laboviana, que, aqui, são aplicados à pesquisa Sociolinguística Histórica, procuraremos chegar aos fatores que condicionaram o avanço do infinitivo gerundivo no Português Europeu.*

Palavras-chave. *Sociolinguística Histórica, diacronia, gerúndio, infinitivo gerundivo.*

1. Introdução

Este trabalho investiga, diacronicamente, a variação entre as formas nominais que indicam aspecto contínuo em Língua Portuguesa, ou seja, o *gerúndio* e a forma infinitiva em equivalência funcional, doravante denominada *infinitivo gerundivo* (a + infinitivo). Refiro-me, por exemplo, ao uso de frases como:

“Eu estou **falando** com você”. (gerúndio)

x

“Eu estou **a falar** com você”. (infinitivo gerundivo)

A idéia de estudar tal fenômeno surgiu da reavaliação da questão sobre *inovação x conservação* em Língua Portuguesa. Conforme diz Celso Cunha em seu artigo “Conservação e Inovação no Português do Brasil” (1986), sabemos que o Brasil, em vários fenômenos, apresenta características de inovação enquanto que Portugal é tido como mais conservador. Mas o autor nos oferece diversos casos em que o Brasil tende à conservação ao passo que Portugal, por outro lado, seria o inovador. Um dos casos citados pelo próprio Celso Cunha como exemplo de conservação no Português Brasileiro é o uso de gerúndio. Ele diz que, enquanto os brasileiros continuaram usando a forma clássica e mais antiga no

idioma (o gerúndio), os portugueses o foram gradativamente substituindo pela estrutura *a + infinitivo*. É fato percebido por qualquer falante do português que, atualmente, o Brasil emprega mais o gerúndio ao passo que Portugal usa mais o infinitivo gerundivo em vários contextos de uso, mas não é de conhecimento geral quem conserva o padrão de uso mais antigo. Não se sabe **quando** essa mudança se efetuará no português europeu, nem qual a proporção atual de uso do infinitivo gerundivo.

2. Objetivos

O objetivo aqui almejado, de fato, é estudar a mudança quantitativa que se processou em Língua Portuguesa a tal ponto, que levou ao contraste hoje estabelecido entre o Português Brasileiro e o Português Europeu. A abordagem diacrônica tem por objetivo demonstrar a mudança no português europeu, face à conservação no português brasileiro, comparando dados contemporâneos com os resultados de BARBOSA (1999), que investigou a variação entre gerúndio e infinitivo gerundivo em cartas de comércio escritas por portugueses no Brasil, no século XVIII. Tentamos, na verdade, descrever e avaliar suas trajetórias de conservação e de inovação de padrões quantitativo-distribucionais no Português Brasileiro e no Português Europeu, respectivamente.

Com base em MALER (1972) *apud* BARBOSA (1999) (que investigou um *corpus* de peças portuguesas do final do século XVIII) e também em BARBOSA (1999) (que estudou tal fenômeno em cartas particulares, cartas de comércio e documentos oficiais do século XVIII), sabemos que até fim do século XVIII os portugueses tinham cerca de 10 % de uso de infinitivo gerundivo (taxa quase igual ao que é visto hoje no Brasil – que varia entre 9% e 11 %). Com isso, sabemos que a mudança em Portugal teria se desencadeado após o final do século XVIII, mas não se sabe se foi ao longo do XIX ou do XX. E assim chegamos às duas questões principais do nosso trabalho:

1. Investigar **quando** efetivamente ocorreu o avanço do infinitivo gerundivo em Portugal, através da observação do papel da frequência de ocorrências dessa forma.
2. Investigar a variação em si entre gerúndio e infinitivo gerundivo e quais os **condicionamentos** dessa variação.

Com esse fim, foram levantadas ocorrências da forma nominal *gerúndio* e de *infinitivo gerundivo* em um *corpus* que reúne textos brasileiros e portugueses dos séculos XIX e XX. Analisando diferentes fases dentro de cada século, foi possível averiguar com maior detalhe a variação de uso entre essas formas durante o período em que parece ter-se definido o afastamento, com relação a esse fenômeno, entre essas duas modalidades da Língua Portuguesa. A realização de uma revisão bibliográfica sobre o tema em diferentes perspectivas tradicionais e descritivas norteou a procura de fatores que controlam a variação.

3. Metodologia / Pressupostos Teóricos

Para tentar responder a essas questões, contaremos como *corpus* com um material já organizado na *Internet*, o material do Projeto VARPORT (Projeto de Variação contrastiva do Português), que reúne as modalidades escrita e falada (culto e popular) do Português do Brasil e do Português Europeu. Esse *corpus* reúne anúncios, editoriais e notícias de jornais

brasileiros e portugueses dos séculos XIX (desde 1808) e XX (até 2000), além de gravações e respectivas transcrições de inquéritos de língua falada culta (décadas de 1970 e 1990) e popular (década de 1990). Investigamos até agora, na fase inicial da pesquisa, cerca de 30% do *corpus* escrito e 100% do *corpus* de língua falada culta (os dados de língua falada popular ainda estão intocados no que tange a esta pesquisa). Os dados levantados foram submetidos ao pacote computacional VARBRUL em sua versão para Windows, o Goldvarb, como instrumental usado para quantificar os dados a serviço dos pressupostos teóricos da Sociolinguística de base laboviana, que, aqui, são aplicados à pesquisa Sociolinguística Histórica.

Foram feitas duas rodadas de quantificação dos dados escritos (uma reunindo dados de Brasil e de Portugal e outra contendo apenas dados de Portugal); e uma rodada de quantificação com todos os dados de língua falada culta.

Além da variável dependente, que opunha gerúndio a infinitivo gerundivo, foram escolhidos seis grupos de fatores comuns aos *corpora* escrito e falado (o lugar, o lugar sintático, o gênero textual, a estrutura verbal, a cambialidade e o tempo) e um a mais no *corpus* falado (faixa etária) para tentar mapear o condicionamento da variação.

4. Análise dos Dados

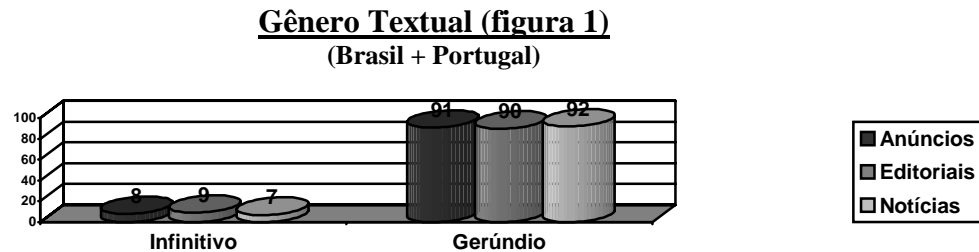
Com relação ao *corpus* de língua escrita, o programa computacional de regras variáveis selecionou como relevante para o uso de infinitivo gerundivo apenas dois fatores: o tipo de estrutura verbal e a cambialidade. Não houve seleção dos grupos *lugar* (Brasil x Portugal) e *lugar sintático* (tipo de oração).

Semelhantemente, em nosso trabalho também não observamos o predomínio de qualquer um dos gêneros textuais sobre os outros em relação ao infinitivo gerundivo. Criamos esse fator com o objetivo de checar se havia ou não o uso de alguma forma predominante por estilização ou por norma de uso caracterizando “tradições discursivas”, ou seja, fórmulas fixas, estruturas e estratégias que se repetem ao longo do tempo identificando um determinado gênero textual (segundo nomenclatura de MARCUSCHI).

Meu ponto de partida foi a tese de doutoramento de BARBOSA (1999:246), que encontrou estilos textuais variáveis de acordo com diferentes lugares sintáticos (tipos de oração) em documentos do século XVIII. Em documentos oficiais, foi encontrado um tipo específico de gerúndios coordenados em contextos narrativos.

Conforme podemos observar no gráfico abaixo, os índices são muito próximos nos três gêneros. Além disso, as taxas de ocorrência aproximam-se muito daquelas encontradas por BARBOSA (1999) e MALER (1972), que, por sua vez, são semelhantes às taxas que temos hoje no Brasil (entre 9 e 11%). Talvez esse resultado tenha sido em função de o *corpus* ainda estar restrito à terça parte do material disponível à página do Projeto VARPORT (www.letras.ufrj.br/varport); talvez ele signifique haver uma padronização nos jornais, uma vez que os três gêneros textuais investigados foram veiculados por jornais; ou, talvez, este fenômeno não funcione como marca específica de uma tipologia textual. Por isso, faz-se necessário aglomerar esses três gêneros em uma única categoria que reúna e seja classificada como “textos jornalísticos” (como um todo), por exemplo, e só então compará-la a outros textos distintos. De qualquer modo, faz-se necessário ampliar o *corpus* e continuar estudando o uso das formas de gerúndio nos diferentes gêneros textuais. Por

enquanto, vejamos os resultados gerais de nosso objeto de estudo distribuído pelos três gêneros textuais de nossa amostra.



Já quanto aos fatores selecionados pelo programa Goldvarb, podemos tecer algumas considerações.

4.1. Estrutura Verbal (sintética x analítica)

Esse grupo opôs formas analíticas (ou perifrásticas) (com verbo auxiliar) à forma sintética (com verbo pleno). Para ilustrar tais ocorrências mostramos os seguintes dados:

- Forma analítica com gerúndio – “*Para um observador estrangeiro, **estaria ocorrendo** um fenômeno raro em política partidária: um Partido não contaria em seu quadros figuras com ambições legítimas e ostensivas*”.(E-B-94-Je-001)
- Forma sintética com infinitivo gerundivo – “*Declaram-se eles vítimas, quando esta patente que eles são os agressores, dominados pela inveja, por verem (como eles mesmos dizem) a casa dos fenianos com 300\$ **a vender** premios de continuo*”.(E-B-83-Ja-005)

O objetivo é investigar se uma dessas duas formas privilegiava o uso de uma estrutura ou de outra. E, ainda, se as estruturas perifrásticas de fato privilegiaram o avanço do infinitivo gerundivo (o que é a nossa hipótese), pretendo observar quais verbos auxiliares especificamente contribuíram para tal avanço.

O controle deste fator seguiu a classificação de verbos de MATEUS *et alii* (2003), separando os verbos em *plenos* (forma sintética, sem verbo auxiliar); ou auxiliares *ser*, *estar*, *andar*, *ficar*, *ir* e *vir*. Outros verbos diferentes destes foram considerados semiauxiliares, como em:

“*Hoje em dia você é quase que mal-tratado e quando você encontra uma pessoa delicada você **chega a agradecer**, pois uma coisa que devia ser normal hoje em dia não é*”.(Oc-B-70-2F-002).

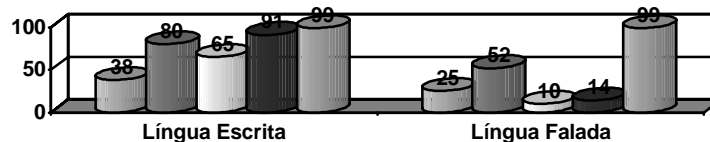
Semelhante a *chegar* são os verbos *começar*, *continuar*, *tornar* etc.

Além disso, também separamos os casos em que o gerúndio ou o infinitivo gerundivo aparecia no próprio verbo auxiliar, tal como em:

“*#I - é o tractorista - às vezes lá anda lá fora que que temos aí o tractorista anda lá fora mas em **sendo preciso** uma coisa na adegas ajuda o F.*” (OP-P-70-3M-001).

As estruturas perifrásticas, conforme podemos observar no gráfico abaixo, foram, provavelmente, uma importante via de avanço do infinitivo gerundivo. Este foi o único fator selecionado tanto na língua escrita quanto na língua falada. No gráfico de língua escrita, vemos que as estruturas analíticas com verbos auxiliares *estar*, *ir* e *ficar* apresentam pesos relativos iguais a .82, .65 e .91, respectivamente, enquanto que o peso relativo de estruturas sintéticas para uso de infinitivo gerundivo é de apenas .37.

Estrutura Verbal (figura 2)
(Brasil + Portugal)



■ Verbo Pleno ■ Auxiliar ESTAR □ Auxiliar IR ■ Auxiliar FICAR □ Semiauxiliares

O maior peso relativo, entretanto, diz respeito aos chamados verbos semiauxiliares: .99 tanto em língua escrita quanto em língua falada. Esse resultado merece algumas considerações. Vale ressaltar que casos do tipo

*“Hoje em dia a coisa mudou de figura, né? Hoje em dia você é quase que maltratado e quando você encontra uma pessoa delicada você **chega a agradecer**, pois uma coisa que devia ser normal hoje em dia não é”*. (Oc-B-70-2F-002)

em que temos verbos semiauxiliares (*chegar*, *começar*) seguidos de “a” + infinitivo, foram descartados de nossa análise variacionista, uma vez que foram considerados não cambiáveis. Embora seja “possível” substituir “*chega a agradecer*” por “*chega agradecendo*” e “*começa a ser*” por “*começa sendo*”, entendemos que essas expressões não são intercambiáveis com o mesmo valor de verdade. Dizer “*chega a agradecer*” é bastante diferente de dizer “*chega agradecendo*”. Além disso, a preposição “a” seguida de infinitivo, nesses casos, não indica infinitivo gerundivo, mas corresponde à preposição requerida pela regência de tais verbos. Sendo assim, esses casos foram considerados não cambiáveis (conforme veremos em seguida) e ficaram fora do cálculo de pesos relativos.

Então quais são os verbos semiauxiliares que correspondem ao peso relativo de .99 tanto no *corpus* escrito quanto no *corpus* oral? Trata-se dos dados cambiáveis com o verbo semiauxiliar *continuar* (que entendemos serem alternáveis com o mesmo valor de verdade), como em: “*CPOR se vocês não sabem é o Centro de Preparação de Oficiais da Reserva... que já existia no meu tempo... que é pra onde mais ou menos iam e hoje continuam indo... os alunos de de... de nível de faculdade... que em vez de fazer o serviço assim na tropa né?*” (Oc-B-70-3M-001) e casos do tipo: “*Tive, tive. Só que no dia em que eu fui lá ela estava verde. Eu juro. **Morrerei dizendo** que ela estava verde. Todo mundo diz, todo mundo diz que ela nunca fica verde mas no dia que eu fui lá ela estava verde.*” (Oc-B-9C-3F-001) em que temos verbos como *morrer*, que não é auxiliar, mas que, acompanhando outros verbos no gerúndio funcionam como “auxiliares acidentais”.

São esses os dados que correspondem a um peso relativo de .99 no uso de infinitivo gerundivo.

Além disso, outro ponto interessante que merece ser investigado posteriormente é a respeito do uso de infinitivo gerundivo com o verbo auxiliar “ir”. Apesar de apresentar o menor peso relativo dentre as demais formas analíticas, .65 em língua escrita e .10 em língua falada são números bastante significativos e que contrariam a descrição da Gramática Tradicional, que afirma que o infinitivo gerundivo não é usado com os auxiliares “ir” e “vir”. Será no mínimo um dado de tipologia restrita a ser separado do controle geral da variação para evitar qualquer enviesamento.

4.2. Cambialidade

Tivemos a ocorrência de quatro diferentes tipos de dados no que concerne ao grupo cambialidade. Opusemos, portanto:

- Dados cambiáveis – São os casos alternáveis com o mesmo valor de verdade. Nesses dados, ao alternar gerúndio por “a + infinitivo”, temos seguramente um “a” característico de infinitivo gerundivo, ou seja, esvaziado de sentido de preposição, funcionando, ao que parece, como um tipo de afixo do verbo que serve para formar aspecto contínuo.

☞ Exemplo de gerúndio cambiável por infinitivo gerundivo:

*“Ella recebe pen- / sionistas até o numero de 30, meias-pen- / sionistas até 20, e externas segundo a / capacidade das salas, que se estão **aprom-** / **ptando**.”* (E-B-82-Ja-009)

Como se vê, poderíamos tranquilamente substituir “*que se estão **aprontando***” por “*que se estão **a** **aprontar***”.

- Dados ambíguos – Esses reúnem os casos em que, na alternância gerúndio x infinitivo gerundivo há possibilidade de uma dupla leitura para tal “a” (1- vazio de sentido; ou também 2- com o sentido de preposição “para”, “junto a”, etc). A hipótese para esse grupo de fatores é de que o avanço do infinitivo gerundivo nos casos ambíguos pode estar a apontar para uma possível gramaticalização da preposição “a” como um “prefixo aspectual”.

☞ Exemplo de cambialidade ambígua entre infinitivo gerundivo e gerúndio:

*“(...) eu já não posso mais, porque estou a fazer uma coisa, mesmo que não tenha importância, levo três quartos de hora **a fazer** uma coisa que eu fazia em cinco minutos”.* (Oc-P-70-1M-002)

Aqui, poderíamos novamente ter uma dupla interpretação: “*levo três quartos de hora **fazendo** uma coisa*” ou “*levo três quartos de hora **para fazer** uma coisa*”.

- Dados não-cambiáveis / não-canônicos – São aqueles que permitem a alternância formal / semântica com um infinitivo que não o gerundivo. (cambiáveis por infinitivo acompanhado de outra preposição diferente de “a”, que no infinitivo gerundivo é vazia de sentido).

☞ Exemplo de cambialidade não-canônica entre gerúndio e infinitivo gerundivo:

*“Quer dizer, eu acho que eu **vento** assim uma, uma mulher bem vestida na rua, uma mulher que eu não conheço, eu posso, a impressão que ela pode me dar é a impressão de estar, de asseio ou não, né?”* (Oc-B-70-1M-001)

Esse exemplo mostra um caso em que, se tentarmos substituir “*vendo*” por infinitivo, não o teríamos acompanhado pela preposição “a” característica do infinitivo gerundivo, esvaziada de sentido. Antes, teríamos, quando muito, uma preposição “a” acompanhada de artigo “o”, formando uma circunstancial temporal: “*eu acho que eu ao ver assim uma...*”.

• Dados não cambiáveis – Esses são dados em que não era possível a alternância gerúndio x infinitivo gerundivo, nem mesmo com uma outra preposição. Exemplo:

☞ Exemplo de dados de infinitivo gerundivo não cambiáveis com gerúndio:

“*Não deve expor-se a saúde ao perigo negligenciando os cuidados a ter com os rins provavelmente os mais importantes órgãos e dos quais em grande parte depende uma boa disposição((SIC))*”. (E-P-93-Ja-001)

Da mesma forma que o dado anterior, também não seria aceitável uma formação do tipo “*Não deve expor-se a saúde ao perigo negligenciando os cuidados tendo com os rins*”.

Em nossa análise variacionista, descartamos os dados não cambiáveis e os não-cambiáveis / não-canônicos, uma vez que é um pré-requisito para o modelo variacionista que as formas variantes sejam alternativas de dizer “a mesma coisa” com o mesmo valor de verdade. Em caso de fenômenos morfossintáticos, 1) as formas alternantes devem ser ao menos passíveis de ocorrerem nos mesmos contextos estruturais; e 2) as variantes têm de apresentar o mesmo significado e serem compatíveis funcionalmente.

Caso não preencham esses requisitos, os dados devem ser apenas analisados quanto à simples frequência de ocorrências, não chegando à fase em que o programa Goldvarb promove a projeção probabilística dos resultados, apontando para pesos relativos das variantes em função dos fatores, ou seja, o peso relativo de um fator em relação ao valor geral de aplicação. Sendo assim, nossos dados não cambiáveis ficarão apenas na fase de cálculo das porcentagens.

No entanto, entre os dados cambiáveis e os não cambiáveis, há ainda uma zona de indefinição: os dados ambíguos. Neles, como mencionado antes, há possibilidade de duas leituras, uma que aponta para o infinitivo gerundivo, variável, portanto, e a outra para a preposição “a” não esvaziada de sentido ou substituível por uma outra preposição (como “para”, por exemplo).

Esses dados ambíguos, como é nossa hipótese, podem ter sido uma importante via de avanço do infinitivo gerundivo em Portugal, bem como pode estar colaborando para a gramaticalização da preposição “a” como um afixo aspectual. Conforme HEINE (2003), formas em vias de gramaticalizar-se frequentemente passam por um modelo de três estágios, o “overlap model”:

1. Há uma expressão lingüística A, que é recrutada para cumprir gramaticalização;
2. **Esta expressão adquire um segundo padrão de uso, B, que apresenta ambigüidade em relação a A;**
3. Finalmente A se perde, ou seja, agora há apenas B. (Lembrando que nem toda gramaticalização chega ao estágio c).

Por isso, ainda que seja uma posição discutível à luz da teoria da Variação, optamos por não descartar esse conjunto de dados, que será somado aos dados indubitavelmente cambiáveis para passarem pelo programa “ivarb”, responsável por calcular os pesos relativos de cada fator em função do infinitivo gerundivo, nosso valor de aplicação.

O controle do fator cambialidade nos mostrou que o uso de infinitivo gerundivo era muito mais freqüente nesses casos ambíguos no *corpus* escrito. O fato deste fator não ter sido selecionado na rodada com os dados de língua oral deve ser analisado mais profundamente em próximas pesquisas, mas talvez seja porque o uso de infinitivo gerundivo esteja mais difundido na língua falada, aparecendo mais claramente dados perfeitamente cambiáveis, ao invés de dados ambíguos.

Cambialidade (figura 3) **(Brasil + Portugal)**

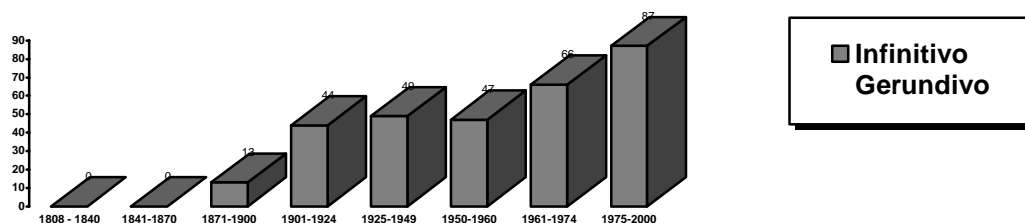


4.3. Tempo

E, finalmente, o Grupo Tempo. Neste grupo, subdividimos o *corpus* em fases e não apenas em séculos. Temos assim, três fases no século XIX (1808-1840; 1841-1870; e 1871-1900) e cinco, no século XX (1901-1924; 1925-1949; 1950-1960; 1961-1975; e 1976-2000). Com relação ao *corpus* de língua falada, tivemos apenas duas diferentes fases: década de 1970 e década de 1990. Seguimos a subdivisão já preestabelecida no *corpus* disponível no *site* do Projeto Varport. Este fator visa a responder uma das principais questões deste trabalho: em que momento (século XIX ou XX?) teria se dado efetivamente o avanço do infinitivo gerundivo em Portugal.

Ao focalizar o estudo em Brasil + Portugal, o programa VARBRUL não nos mostrou qualquer relevância quanto ao fator tempo. Ao que parece, a pouca quantidade de dados deixou difusa a tradução em números da *imagem* de uma variação constatada pela comunidade de falantes da língua portuguesa. Ao focalizarmos, porém, as ocorrências de Portugal separadamente, fomos capazes de contornar a falta de informações para o programa computacional que usamos, dando-lhe uma imagem menos difusa da realidade dos dados. Assim, obtivemos o seguinte gráfico:

Infinitivo Gerundivo x Tempo (figura 4) **(Portugal)**



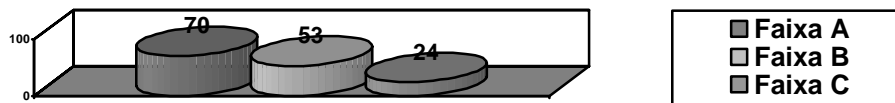
O gráfico nos mostra a mudança em Portugal – que passou a privilegiar a forma de infinitivo gerundivo – é tipicamente um fenômeno do século XX.

O último fator diz respeito apenas aos dados de língua falada.

4.4. Faixa Etária

Este grupo de fatores serviu para contrastar o texto oral de três diferentes faixas etárias: 25 a 35 anos, 36 a 55 anos e acima de 56 anos.

Faixa Etária (figura 5)
(Brasil + Portugal)



Esses resultados estão de acordo com o gráfico da figura 4. Se é verdade que o infinitivo gerundivo teve avanço gradual ao longo do século XX, o esperado seria de fato que os informantes mais idosos mantivessem uma taxa de uso dessa forma inferior aos mais jovens. Os mais jovens são, conforme podemos observar, aqueles que mais usam o infinitivo gerundivo, de acordo com nossa amostra de dados.

Na rodada com dados de língua falada, o grupo Lugar foi selecionado como relevante para o nosso valor de aplicação. O programa computacional apontou a gritante diferença entre Brasil e Portugal já estabelecida na sincronia dos dados de língua oral (décadas de 1970 e 1990), diferentemente dos dados de língua escrita. Se, conforme indicado na figura 4, o avanço do infinitivo gerundivo se deu predominantemente a partir do século XX, os resultados de língua oral das últimas décadas do século refletem um momento em que o infinitivo gerundivo já é um dos principais fatores de contraste entre as duas variantes da Língua Portuguesa. Os pesos relativos obtidos foram:

BRASIL	PORTUGAL
.006	.977

5. Conclusão

Vemos respondidas as principais questões deste trabalho – ainda que de forma sumária e estando conscientes de que é preciso ainda ampliar o *corpus* e prosseguir a pesquisa:

- O avanço do Infinitivo Gerundivo em Portugal se processou, de acordo com o nosso *corpus*, no século XX, sendo, portanto, um fenômeno bastante recente na língua. Talvez por isso não se tenham fixado regras prescritivas sobre esse uso, uma vez que a Gramática Tradicional baseia-se no uso literário da virada do século XIX para o XX.
- Há dois fatores que favorecem a variação entre gerúndio e infinitivo gerundivo tanto no Brasil quanto em Portugal: a Estrutura Verbal (com o favorecimento do uso de

infinitivo gerundivo em construções analíticas) e a Cambialidade, com maior probabilidade nos espaços “ambivalentes”.

Referências

- BARBOSA, Afranio Gonçalves. *Para uma História do Português Colonial: Aspectos Lingüísticos em Cartas de Comércio*. Tese de doutoramento, Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras, 1999.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37ª ed. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2001.
- BIBER, Douglas. *Variation across speech and writing*. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.
- BOSQUE, Ignacio & DEMONTE, Violeta (eds.). *Gramática Descriptiva de la Lengua Española*. Madrid: Espasa Calpe, 1999.
- CUNHA, Celso. “Conservação e Inovação no Português do Brasil”. In: *O Eixo e a Roda: revista da literatura brasileira*. Belo Horizonte: Publicação do Departamento de Letras Vernáculas, Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, p. 199-232. 5v. 1986.
- HEINE, Bernd. “Grammaticalization”. In: Brian D. Joseph and Richard D. Janda. *The Handbook of Historical Linguistics*. Blackwell Publishing, 2003.
- LABOV, William. “The study of language in its social context”. (cap. 8). In: _____. *Sociolinguistics patterns*. Oxford: Basil Blackwell, 1972.
- LAPA, M. Rodrigues. *Estilística da Língua Portuguesa*. São Paulo: Livraria Martins Fontes, 1982.
- MALER, Bertil. *L’infinitif gérondival portugais: quelques notes sur la propagation*. Stockholm: Université. Sep. Stockholm Studies in Modern Philology, p. 250 – 268. 4 vol, 1973.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. “Gêneros textuais: definição e funcionalidade”. (no prelo).
- MATEUS, Maria Helena Mira *et alii*. *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho, 2003.
- BRANDÃO, Sílvia Figueiredo, MOTA, Maria Antónia Ramos Coelho da *et alii*. Projeto de Cooperação Internacional Brasil Portugal CAPES / ICCTI nº 63/00 www.lettras.ufrj.br/varport, 2002.